



O Papa precisa do marxismo? Bento XVI e a incompatibilidade entre a fé cristã e a fé marxista

Does Pope need of Marxism? Benedict XVI and the incompatibility between the Christian faith and the Marxist faith

Rudy Albino Assunção*

Resumo

O marxismo aparece insistentemente na teologia e no magistério de Joseph Ratzinger – Bento XVI – como um inimigo permanente ao qual o cristianismo deve contrapor-se, sem possibilidades de conciliação entre ambos. Mas qual concepção subjaz essa rejeição tão peremptória, tão decidida? Para alcançarmos a resposta a tal questão, aprofundamos a visão de Joseph Ratzinger a partir de alguns de seus escritos teológicos (anteriores ao pontificado) e, em seguida, nas suas três encíclicas, o ponto alto de seu magistério papal (*Deus caritas est*, *Spe salvi* e *Caritas in veritate*). Defendemos que a crítica de Bento XVI, antes de ser exclusivamente teológica (ou doutrinária), é filosófica, baseada na racionalidade e não na fé professada pela Igreja, que lhe permite tratar o marxismo não simplesmente como um programa político que vai contra alguns valores cristãos, mas como uma escatologia judaico-cristã secularizada, um messianismo político, portanto, como uma *religião*, como uma *fé*, que nega e esvazia o núcleo essencial da fé cristã. E aqui está a raiz da sua oposição.

Palavras-chave: Marxismo. Bento XVI. Messianismo. Escatologia política.

Abstract

Marxism appears repeatedly in Pope Benedict's theology and teaching as a permanent enemy that Christianity must oppose without any possibilities of conciliation between them. However, what underlies this decisive rejection? To answer this question we look further into Joseph Ratzinger's perspective starting with some of his theological writings (before the pontificate) followed by three of his encyclicals, the high point of his papal teaching (*Deus caritas est*, *Spe salvi* e *Caritas in veritate*). We argue that Benedict XVI's criticism, prior to being purely theological (or doctrinal), is philosophical, based on rationality and not in the faith professed by the Church, allowing him to treat marxism not simply as a political program that goes against some Christian values, but as a secularized Judeo-Christian eschatology, as a political messianism, therefore, as a *religion*, as a *faith*, that denies and empties the essential core of the Christian faith. And here is the root of his opposition.

Keywords: Marxism. Benedict XVI. Messianism. Political eschatology.

Comunicação recebida em 24 de abril de 2012 e aprovada em 19 de setembro de 2012.

* Doutorando e mestre em Sociologia Política pela UFSC, Bacharel em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), bolsista do CNPq. País de origem: Brasil. E-mail: rudyassuncao@ig.com.br.

Introdução

Logo que foi publicada a terceira encíclica de Bento XVI, *Caritas in veritate*, Leonardo Boff escreveu um comentário curto sobre ela. Boff (2009) afirma que as crises demandavam “[...] um texto profético, carregado de urgência”. E o que teria vindo do magistério de Bento XVI foi um texto meramente analítico. Mas qual a solução? O que faltou à encíclica, que teria feito da encíclica um texto que corresponderia melhor à necessidade de profecia de um mundo em crise?

Ao lermos o texto, longo e pesado, terminamos por pensar: *como faria bem ao atual Papa um pouco de marxismo!* [...] Esse Papa não valoriza o novo céu e a nova Terra, que podem ser antecipados pelas práticas humanas, apenas conhece essa vida decadente e, por si mesma, insustentável (seu pessimismo cultural) e a vida eterna e o céu que ainda virão. Afasta-se assim da grande mensagem bíblica que possui consequências políticas revolucionárias ao afirmar que a utopia terminal do Reino da justiça, do amor e da liberdade só será real na medida em que se construírem e anteciparem, nos limites do espaço e do tempo histórico, tais bens entre nós (BOFF, 2009, grifo do autor).

Afirmações desse tipo nos levaram a uma leitura atenta da encíclica em questão. Mas fomos obrigados a ir retrocedendo: passamos à segunda e à primeira encíclicas. Não é sem valor, por exemplo, a proporção das aparições do marxismo em suas encíclicas: ao menos em duas o marxismo é citado *explicitamente*; na terceira, sob a couraça da forma política do comunismo. Por fim, chegamos a diversos textos de sua obra teológica. Em todos esses textos, não falta o marxismo: não como uma ferramenta teórica, como reclama Boff (2009); mas, sem dúvida, como um *inimigo* a se contrapor¹.

Por que ele ainda representa uma “ameaça” para o cristianismo? O que lhe faz tão persistentemente incômodo? Embora se refira a um ponto bem específico de seu pensamento, não deixa de ter significativa relevância, pois ajuda a

¹ Fernando Mires explorou por primeiro a relação entre cristianismo e marxismo em Joseph Ratzinger. Ele já aponta que Ratzinger via um perigo no marxismo por suas “[...] representações interteológicas” (MIRES, 2007) e porque visava a invadir os espaços da fé. Nossa intenção é, justamente, aprofundar as reflexões de Mires (2007), que se concentrou mais na crítica de Ratzinger ao reclamado *papel político-revolucionário da Igreja* do que no acento de Ratzinger ao *papel religioso-escatológico do marxismo*. Em outras palavras, Mires (2007) está centrado no “significado político da Igreja”, enquanto, aqui, estamos interessados no *significado religioso do marxismo*.

compreender a rejeição intelectual de um corpo de pensamento inteiro, que teve fortes ressonâncias no campo universitário e, principalmente, no eclesial.

1 O marxismo segundo o teólogo Joseph Ratzinger

Sempre foram comuns os contrastes entre os papas. Não só entre suas personalidades, mas, também, na tônica dos seus ensinamentos, para buscar continuidades e descontinuidades. No entanto, nesse pontificado, há algo singular e, talvez, realmente novo: além das inevitáveis comparações entre Bento XVI e João Paulo II, há sempre um interesse em perceber a relação entre o pensamento do teólogo Joseph Ratzinger e do papa Bento XVI. Em um pontificado no qual o papa lança livros como teólogo, torna-se um imperativo estabelecer paralelos entre a sua teologia e o seu magistério papal.

Quais impressões o teólogo Ratzinger teve do avanço do marxismo? Nos anos em que lecionava na Universidade de Tübingen (1966-1969) – na qual também lecionava Ernst Bloch – ele assistiu a uma mudança de paradigma ideológico: desmoronava o existencialismo, que tinha seu centro em Heidegger. Erigia-se o marxismo como fonte dominante. O que ele qualifica de “[...] tentação marxista” (RATZINGER, 2006a, p. 116) tinha, agora, na faculdade teológica, não um baluarte de oposição, mas um verdadeiro “[...] centro ideológico” (RATZINGER, 2006a, p. 117). Sua visão do que estava acontecendo bem se resume no seguinte balanço:

[...] em minha Cristologia tinha tentado combater a redução existencialista, e aqui e acolá – especialmente na doutrina sobre Deus, que eu deveria apresentar em breve – tinha até colocado uns contrapesos, derivados do pensamento marxista, o qual, devido à sua *raiz judaico-messiânica, não deixa de conter também temas bíblicos*. Mas a destruição da teologia, como agora estava acontecendo pela politização no sentido do *messianismo marxista*, era bem mais radical, exatamente porque se baseava na *esperança bíblica*, mas agora a invertia pelo fato de que o fervor se conservava, mas eliminava-se Deus, substituindo-o pela ação política do ser humano (RATZINGER, 2006b, p. 117, grifo do autor).

Aqui aparece, em linhas gerais, como ele encara o marxismo: uma forma de *messianismo* baseado na esperança bíblica². Essa canalização – inversão – do fervor era possível justamente graças ao “parentesco” entre o clamor que o marxismo apresentara e a esperança bíblica. Esta última encontrava na esperança marxista uma *opositora* que não visava a eliminar a esperança em si, mas, sim, estabelecer uma substituição do agente realizador dessa esperança: eliminar Deus, colocando o homem no seu lugar.

Como se vê, Ratzinger fica profundamente marcado pelas mudanças de orientação em Tübingen, até o ponto em que esse clima de constante luta obriga-o a migrar para Regensburg. Mas é nesses anos de Tübingen que nasce a sua obra *Introdução ao cristianismo* (RATZINGER, 2006a). Por isso, é importante prestar atenção às interrogações aí presentes que interessam ao nosso tema. Nessa obra, o marxismo aparece insistentemente como um pano de fundo ao qual se contrapor, mas, de modo mais específico, ele trata da oposição entre o princípio cristão e o marxista da esperança:

O ser humano é redimido pela cruz; o crucificado é, em sua abertura total, a verdadeira salvação do ser humano. [...] Analisando-o agora não pelo lado do conteúdo e sim a partir de sua estrutura, percebemos que ela exprime uma preferência pelo receber em detrimento do fazer e do realizar próprios quando está em jogo a razão última do ser humano. Talvez se localize aí a *diferença mais profunda entre o princípio cristão da esperança e o seu homônimo marxista*³. É verdade que o princípio marxista também se baseia numa ideia de passividade, pois afirma que o proletariado sofrido será o salvador do mundo. Mas esse padecimento do proletariado que deverá desencadear a reviravolta de uma sociedade sem classes precisa realizar-se concretamente pela forma ativa da luta de classes. Essa é a única maneira de o padecimento se tornar “salvífico”, destruindo do poder a classe dominante e introduzindo a igualdade de

² São muitos os autores que veem no marxismo uma forma secularizada do messianismo judaico-cristão, entre os quais podemos destacar Karl Löwith (1991), Eric Voegelin (1982) e Raymond Aron (1980). Embora seja a concepção endossada aqui, é importante mencionar que há uma crítica a ela em Norman Levine (1972). No entanto, nossa intenção é mostrar que essa é a leitura de Bent o XVI, que ele compartilha com diversos autores. Discutir a sua validade fugiria ao escopo do trabalho.

³ No original alemão, esta última expressão é *marxistischen Umwandlung* (RATZINGER, 1968, p. 218), que a tradução espanhola apresentou adequadamente como “[...] transformación marxista” (RATZINGER, 2001, p. 222), ou seja, a esperança marxista é um produto de uma metamorfose, uma transformação moderna da esperança cristã. As duas traduções brasileiras da *Introdução ao cristianismo* de Ratzinger não revelam a sutileza do argumento. A edição da qual nos valemos traduz pela obscura expressão “[...] homônimo marxista” (RATZINGER, 2006a, p. X), enquanto a outra fala em “contrafação marxista” (RATZINGER, 1970, p. 219), que tem mais o sentido de uma falsificação. A tradução estadunidense, mais próxima embora ainda diferente da espanhola, fala em “[...] marxist modification” (RATZINGER, 2004, p. 266). Mais adiante vamos retomar essas nuances conceituais, quando falarmos do marxismo na *Spe salvi*, para confirmar a nossa leitura dos textos (nota 11).

todos os homens. Se a cruz de Cristo é um sofrer “em prol de”, a paixão do proletariado é, na visão marxista, uma luta contra; se a cruz é essencialmente a obra do indivíduo em prol do todo, a outra paixão é essencialmente a tarefa que uma massa organizada em forma de partido realiza em proveito próprio. Vê-se, portanto, que os dois caminhos correm em direções opostas, apesar de estar próximos em seu ponto de partida (RATZINGER, 2006a, p. 197, grifo do autor).

Cristianismo e marxismo estão “próximos em seu ponto de partida”: o messianismo judaico. “Os dois caminhos correm em direções opostas”: o cristianismo vê a salvação em um indivíduo, Jesus, enquanto a salvação marxista está em uma coletividade, o proletariado, que se põe a lutar contra a classe dominante. No prefácio à reedição de 2000 da referida obra, Ratzinger (2006a, p. 54) não titubeia em tratar o marxismo como “[...] fé marxista”, ou, ainda, como “[...] doutrina marxista da salvação” (RATZINGER, 2006a, p. 11). É por isso que Ratzinger (2006a, p. 81) o chama de “[...] a forma mais atuante do ateísmo”.

A controvérsia em torno da Teologia da Libertação (TdL), na qual o Cardeal Ratzinger foi um dos protagonistas, pode ainda nos servir como ilustração. No ano de 1984 foi publicada a *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*, na qual se aponta a hermenêutica marxista como o núcleo da TdL. Com esse documento havia um texto particular com a análise do Cardeal Ratzinger, então Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Entre seus temas figurava o conceito de esperança e o de reino de Deus. Ou seja, temas caracteristicamente escatológicos. Das críticas que nos interessam está em primeiro lugar a seguinte:

[...] a instância hermenêutica decisiva é o conceito de “história”. A opinião, considerada cientificamente segura e irrefutável, de que a Bíblia raciocina exclusivamente em termos históricos de salvação, e, portanto, de maneira antimetafísica, permite a fusão do horizonte bíblico com a ideia marxista da história, que procede dialeticamente como autêntica portadora de salvação; a história é a autêntica revelação e, portanto, a verdadeira instância hermenêutica da interpretação bíblica (RATZINGER; MESSORI, 1984, p. 141).

Por isso, para ele, a TdL vê a esperança como “[...] ‘confiança no futuro’ e como trabalho para o futuro; com isso ela é subordinada novamente ao predomínio

da história de classes” (RATZINGER; MESSORI, 1984, p. 142). O resultado inevitável dessa perspectiva é que:

[...] o reino não deve ser compreendido espiritual ou universalmente, no sentido de uma escatologia abstrata. Deve ser compreendido em forma partidária e voltado para a práxis. Somente a partir da práxis de Jesus, e não teoricamente, é possível definir o que seja o “reino”: trabalhar sobre a realidade histórica que nos circunda para transformá-la no “reino de Deus” (RATZINGER; MESSORI, 1984, p. 142).

Ratzinger se confronta com uma teologia que se apropria de um esquema de pensamento nascido justamente de um *esvaziamento* da doutrina cristã. Por isso, apropriando-se do marxismo, a TdL aprofunda a operação realizada por ele: a substituição da esperança cristã, radicada na vida eterna, por uma esperança imanente, fundada exclusivamente na ação do homem⁴. Colocando, o problema, nesses termos, a adesão ao marxismo deixa de ser uma opção política indiferentemente religiosa. Essa adesão é mais que política: é *religiosa*. Há a adesão a uma modalidade de fé, secularizada, sim, pois explicitamente anticristã, mas ainda uma *fé*.

Um último ponto ainda está na sua apreciação da visão que o marxismo tem do sofrimento⁵, no qual enfatiza que defende a necessidade da extirpar o sofrimento do mundo e isso é uma das condições da consecução da salvação que pretende trazer:

Com Karl Marx consideram a consolação celeste, que fica acima do vale terreno de lágrimas, como promessa vaga que não muda nada, eternizando a miséria do mundo e aproveitando, em última análise, apenas aqueles que estão interessados na conservação do estado vigente. Em vez da promessa, exigem a mudança que afasta o sofrimento, trazendo a redenção: não a redenção pelo sofrimento, mas a redenção do

⁴ É interessante notar que uma escolha editorial reforça o que estamos expondo: está em andamento a edição da *Opera Omnia* de Joseph Ratzinger. Como informou o seu editor, Gerhard Ludwig Müller (2011), bispo de Regensburg (Alemanha), todos os textos relativos à teologia da libertação serão colocados no volume dedicado à escatologia.

⁵ Na consecução do reino de Deus pelo homem há algo como a aceitação do sofrimento, da dor? Há um potencial redentor na dor? É justamente aí que Löwith (1991, p. 54) identifica uma diferença fundamental entre a esperança marxista e a esperança cristã: “O credo comunista, apesar de um pseudomorfose de messianismo judaico cristão, não apresenta os seus princípios básicos: a livre aceitação da humilhação e do sofrimento redentor como condição para triunfar. O comunismo proletário quer a glória, mas não o sofrimento; quer triunfar através da felicidade terrena”. Mais adiante, Bento XVI, na *Spe salvi*, vai apontar o sofrimento como um dos lugares do aprendizado da esperança cristã.

sofrimento é o *slogan*; não a espera pelo auxílio divino, mas a humanização do homem é a tarefa (RATZINGER, 2007b, p. 287).

Esses poucos textos serviram para mostrar a visão do teólogo e permitem-nos seguir adiante, para explorar em que pontos essa mesma visão do marxismo pode ser identificada nas três encíclicas de Bento XVI.

2 O marxismo segundo o *papa* Bento XVI

Até agora, Bento XVI publicou três encíclicas: *Deus caritas est* (2006), *Spe salvi* (2007) e *Caritas in veritate* (2009). Já não são textos particulares, mas refletem o ensino da Igreja Católica. Não são mais opiniões de um teólogo apenas, mas ganham força magisterial e, com ela, validade e autoridade antes baseadas unicamente na erudição do pensador.

2.1 Na *Deus caritas est*

A encíclica *Deus caritas est* está dividida em duas partes. A primeira fala da novidade da fé bíblica e a segunda trata diretamente da ação caritativa da Igreja. Bento XVI menciona o marxismo justamente sob o tópico da justiça e da caridade (nn. 26-29), nos quais ele expõe algumas objeções que se fizeram no século XIX às atividades de ajuda social da Igreja. Ele reprova a oposição colocada pelo marxismo entre justiça e caridade e, ao mesmo tempo, reprova qualquer filiação ideológica da Igreja:

A atividade caritativa cristã deve ser independente de partidos e ideologias. Não é um meio para mudar o mundo de maneira ideológica, nem está ao serviço de estratégias mundanas, mas é atualização aqui e agora daquele amor de que o homem sempre tem necessidade. *O tempo moderno, sobretudo a partir do Oitocentos, aparece dominado por diversas variantes duma filosofia do progresso, cuja forma mais radical é o marxismo* (BENTO XVI, 2006, p. 60, grifo do autor).

Bento XVI começa a desenhar a sua avaliação do “tempo moderno” destacando nele o marxismo. Este aparece como variante das filosofias do progresso do século XIX⁶. Além de considerá-lo desumano, Bento XVI vai qualificá-lo como um programa de ação política frustrado:

O marxismo tinha indicado, na revolução mundial e na sua preparação, a panaceia para a problemática: através da revolução e consequente coletivização dos meios de produção – asseverava-se em tal doutrina – devia, de um momento para o outro, caminhar tudo de modo diverso e melhor. Esse sonho desvaneceu-se (BENTO XVI, 2006, p. 45-46).

O marxismo alimentou uma *esperança*: otimismo antropológico extremado, sonho de que a sociedade, pela revolução proletária, caminharia aos sobressaltos. O marxismo é, para Bento XVI, uma esperança que se reveste de sonho, mas que desemboca em *ilusão*.

2.2 Na *Spe salvi*

Ao tratar da segunda virtude teologal, Bento XVI se interroga sobre a natureza da esperança cristã e qual a sua diferença da esperança do tempo moderno. Bento XVI (2007, p. 36) busca realizar o que ele chama de “[...] uma autocrítica da idade moderna feita em diálogo com o cristianismo e com a sua concepção de esperança”. Marx aparece justamente no capítulo intitulado “A transformação da fé-esperança cristã no tempo moderno”⁷. Mas, antes, ele se

⁶ Podemos operar uma *aproximação* do enquadramento e da avaliação de Bento XVI com Karl Löwith, o primeiro a sistematizar a crítica do marxismo como uma escatologia política, embora Weber já tenha chamado atenção rapidamente para a “redenção da dominação de classe” (MONOD, 2002, p. 204). Segundo Löwith (1991), as filosofias da história tanto do século XVIII quanto do XIX têm sua inspiração original na fé bíblica, o que equivale a dizer que a “[...] consciência histórica moderna se iniciou com o pensamento hebraico e cristão, ou seja, com a perspectiva escatológica em direção a uma realização futura” (LÖWITH, 1991, p. 197). Löwith, então, defende que as filosofias modernas da história são formas secularizadas da história da salvação cristã. O marxismo está entre essas filosofias da história (do progresso) e é assim designado por Löwith como uma “doutrina de salvação” (*eine Heilslehre*) coletiva. Para ele, a concepção marxista da história como luta de classes está totalmente impregnada de um messianismo antigo, que se revela, portanto, como o “[...] esquema espiritual do materialismo histórico” (LÖWITH, 1991, p. 53). Em resumo, para Löwith (1991, p. 57), o marxismo é uma “[...] forma secular da procura da salvação”.

⁷ Retomemos a discussão conceitual que empreendemos na nota 4. No texto alemão da encíclica, esse subtítulo aparece justamente assim: *Die Umwandlung des christlichen Hoffnungsglaubens in der Neuzeit*. O vocábulo *Umwandlung* é traduzido por *transformação*. O marxismo está, pois, entre aquelas correntes de pensamento que são uma *transformação*, uma metamorfose da doutrina cristã. A mesma opção vocabular é feita nas versões em francês, italiano, inglês e espanhol (cf. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/index_en.htm).

detém em dois outros autores, que seriam, como Marx, propositores de uma esperança diferenciada, moderna, mas que tem na esperança cristã o seu pano de fundo, a sua condição de possibilidade de existência.

O primeiro autor é Francis Bacon. Para este, a redenção – a restauração do paraíso – não vem de Cristo, mas da ligação entre ciência e prática: “Agora chama-se fé no progresso” (BENTO XVI, 2007, p. 30). É ele que dará lugar ao reino do homem, o “[...] reino da razão” (BENTO XVI, 2007, p. 31). As duas palavras-chave da fé no progresso são *razão e liberdade*, pois garantiriam uma nova comunidade humana perfeita: “O progresso é a superação de todas as dependências; é avanço para liberdade perfeita. Também a liberdade é vista como promessa, na qual o homem se realiza rumo à plenitude” (BENTO XVI, 2007, p. 31) O segundo autor é Emmanuel Kant. Para ele, o reino de Deus chega aonde a fé religiosa é superada pela fé racional.

Continuando sua narrativa, Bento XVI diz que o progresso não se dá apenas pelo avanço das ciências aliadas à prática. Por isso, surge a Revolução Francesa como uma tentativa de instaurar esse reino da razão e da liberdade. Mas esse avanço poder-se-ia realizar de uma forma ainda mais abrupta:

O século XIX não perdeu sua fé no progresso como uma nova forma da esperança humana e continuou a considerar a razão e liberdade como estrelas-guia a seguir no caminho da esperança. [...] Depois da revolução burguesa de 1789, tinha chegado a hora para uma nova revolução: a proletária. O progresso não podia limitar-se a avançar de forma linear e com pequenos passos. Urgia o salto revolucionário. Karl Marx recolheu este apelo do momento e, com vigor de linguagem e de pensamento, procurou iniciar este novo passo grande e, como supunha, definitivo da história rumo à salvação, rumo àquilo que Kant tinha qualificado como “reino de Deus”. Tendo-se diluído a verdade do além, tratar-se-ia agora de estabelecer a verdade do aquém. A crítica do céu transforma-se na crítica na terra; a crítica da teologia, na crítica da política (BENTO XVI, 2007, p. 33-34).

Bento XVI começa a falar do deslocamento que opera Marx. Ele soube captar e anunciar a tensão mais que característica dos “sinais dos tempos” que só um espírito profético consegue perceber:

Com pontual precisão, embora de forma unilateralmente parcial, Marx descreveu a situação de seu tempo e ilustrou, com grande capacidade analítica, as vias para a revolução. E não só teoricamente, pois com o partido Comunista, nascido do Manifesto comunista de 1848, também a iniciou concretamente. A sua promessa, graças à agudeza das análises e à clara indicação dos instrumentos para mudança radical, fascinou e não cessa de fascinar ainda hoje. E a revolução deu-se, de forma mais radical na Rússia. Com sua vitória, porém, tornou-se evidente também o erro fundamental de Marx. Ele indicou com exatidão o modo de realizar o derrubamento. Mas não nos disse como as coisas deveriam proceder depois. Ele supunha simplesmente que, com a expropriação da classe dominante, a queda do poder político e a socialização dos meios de produção, ter-se-ia realizado a Nova Jerusalém. Com efeito, então ficariam anuladas todas as contradições; o homem e o mundo haveriam finalmente de ver claros a si próprios. Então tudo poderia proceder espontaneamente pelo reto caminho, por que tudo pertenceria a todos e todos haveriam de querer o melhor um para o outro (BENTO XVI, 2007, p. 35).

Bento XVI, dentre os escritos de Marx, faz referência ao *Manifesto comunista*⁸. Esse é o texto portador da “promessa”: Marx é o profeta portador de uma condenação do seu tempo e de uma promessa de um novo tempo; o presente deve ser transformado radicalmente, pois nele pode ser identificada a mais radical depravação. A expressão *contradição* remonta à ideia de pecado, pois a vontade de Deus para o homem é uma e a sua realidade é outra, é queda, é depravação. É assim que, vendo no capitalismo o pecado original da exploração com todas as suas conseqüências, ele conclama o povo escolhido, o proletariado, para conduzir a história para a plenitude. Depois de uma reviravolta histórica, uma revolução, a história seria definitivamente colocada no rumo da salvação, da *Nova Jerusalém*. O paraíso imanente de Marx endossa a ideia de que o paraíso é lugar de um mundo novo, de um homem novo. Nele, aparecerá a verdade do homem e do mundo. O

⁸ Podemos fazer mais uma ligação com Löwith. O texto que ele privilegia na sua leitura escatológica de Marx também é o *Manifesto comunista*. Esse texto é indubitavelmente “[...] escatológico na estrutura e profético na atitude” (LÖWITH, 1991, p. 47). Por isso, Löwith considera que a ideia fundamental do *Manifesto* não está no antagonismo entre burguesia e proletariado. O que os coloca um contra o outro é o fato de: “[...] um ser filho das trevas enquanto o outro é filho da luz. [...] Não é, por conseguinte, um acaso que o ‘último’ antagonismo entre dois campos hostis de burguesia e proletariado corresponda à crença judaico-cristã numa luta final entre Cristo e o Anticristo na última época da história, que a tarefa do proletariado corresponda à missão histórico-universal do povo escolhido, que a função redentora e universal da classe mais degradada seja concebida como o esquema da Cruz e da Ressurreição, que a derradeira transformação do domínio da necessidade num domínio de liberdade corresponda à transformação da *civitas Terrena* numa *civitas Dei*, e que todo o processo da história [...] corresponda ao esquema geral da interpretação judaico-cristã da história como avanço providencial para um objetivo final cheio de significado. O materialismo histórico é essencialmente, apesar do seu caráter secreto, uma história de realização e salvação em termos de economia social” (LÖWITH, 1991, p. 52-53). E o juízo final será caracterizado pela instauração de um novo mundo, “[...] um Reino de Deus, sem Deus e na terra, que é o objetivo e o ideal primeiro do messianismo de Marx” (LÖWITH, 1991, p. 50-51).

pecado, para cristãos, e a exploração, para Marx, escondiam o verdadeiro caráter de ambos. Só depois da superação do pecado para um e da exploração para outro é que essa plenitude escatológica pode ser alcançada. Mas é na identificação do pecado com a exploração e da liberdade com a salvação, que Bento XVI identifica o que ele chama de erro fundamental de Marx:

Marx não falhou só ao deixar de idealizar os ordenamentos necessários para o mundo novo; com efeito, já não deveria haver mais necessidades deles. [...] O seu erro situa-se numa profundidade maior. Ele esqueceu que o homem permanece sempre homem. Esqueceu o homem e sua liberdade. Esqueceu que a liberdade permanece sempre liberdade, inclusive para o mal. Pensava que, uma vez colocada em ordem a economia tudo se arranjaria. O seu verdadeiro erro é o materialismo: de fato, o homem não é só produto de condições econômicas nem se pode curá-lo apenas do exterior, criando condições econômicas favoráveis (BENTO XVI, 2007, p. 35-36).

Bento XVI imputa ao marxismo certa ingenuidade. Marx imaginando o reino da liberdade depois do reino das necessidades não captou que essa liberdade traz consigo uma potencialidade dual, uma abertura delicada: para o bem e para o mal. A mesma liberdade que, na linha do espírito bíblico, expulsou o primeiro e a primeira mulher do estado edênico:

[...] o homem permanece sempre livre e, dado que a sua liberdade é também sempre frágil, não existirá jamais neste mundo o reino do bem definitivamente consolidado. Quem promettesse o mundo melhor que duraria irrevogavelmente para sempre, faria uma promessa falsa; ignora a liberdade humana (BENTO XVI, 2007, p. 40).

Por isso, para Bento XVI, não há como construir o reino de Deus com mãos meramente humanas. O Reino, para ele, é um dom, pois é, em primeiro lugar, *de Deus*. Essa eliminação de Deus leva justamente à confiança desmedida no ser humano e ao esquecimento das implicações totais da liberdade: “[...] um ‘reino de Deus’ realizado sem Deus – e por conseguinte um reino somente do homem – resolve-se inevitavelmente no ‘fim perverso’ de todas as coisas, descrito por Kant: já o vimos e vemo-lo sempre de novo” (BENTO XVI, 2007, p. 38).

O que queremos defender é que Bento XVI mostra que a modernidade ou, em outras palavras, a esperança que ela propunha, é devedora do cristianismo. Substitui a esperança cristã, porque deriva dela e nasce contra ela⁹. Sem o esquema mental, se assim se pode dizer, oferecido pelo cristianismo, essa esperança não teria sido formulada:

Neste sentido, a época moderna desenvolveu a esperança da instauração de um mundo perfeito que, graças aos conhecimentos da ciência e a uma política cientificamente fundada, parecia tornar-se realizável. Assim, a esperança bíblica do reino de Deus foi substituída pela esperança do reino do homem, pela esperança de um mundo melhor que seria o verdadeiro “reino de Deus”. Esta parecia finalmente a esperança grande e realista de que o homem necessita. Estava em condições de mobilizar – por um certo tempo – todas as energias do homem; o grande objetivo parecia merecedor de todo o esforço. Mas, com o passar do tempo fica claro que esta esperança escapa sempre para mais longe (BENTO XVI, 2007, p. 47-48).

Um último ponto a ser abordado está na última parte da encíclica, que trata dos lugares do exercício da esperança cristã. É nele que Bento XVI, além da ação, trata do papel do *sofrimento*. A esperança cristã é exercitada no sofrimento e não fugindo dele. A aceitação do sofrimento é condição de salvação e isso implica saber que não será a empresa humana que conseguirá extirpá-lo do mundo:

Devemos – é verdade – fazer tudo por superar o sofrimento, mas eliminá-lo completamente do mundo não entra nas nossas possibilidades, simplesmente porque não podemos desfazer-nos da nossa finitude e porque nenhum de nós é capaz de eliminar o poder do mal, da culpa que – como constatamos – é fonte contínua de sofrimento (BENTO XVI, 2007, p. 56).

Isso porque o mal, para os cristãos, não é apenas a exploração. O mal está radicado no pecado, justamente na autossuficiência humana que se desvencilha de Deus. Portanto, é na culpa que identificamos um dos fatores centrais da perpetuação do sofrimento e não apenas na perpetuação de más estruturas. Contrastaremos adiante a visão que o marxismo tem do sofrimento e a oferecida pelo cristianismo.

⁹ Interessante a expressão de João Batista Libânio (2008, p. 336): “A cultura moderna nasce do cristianismo e contra ele. Típico Édipo”.

2.3 Na *Caritas in veritate*

Este subtítulo é, no mínimo, inadequado, temos de admitir: não há uma menção direta ao marxismo nessa encíclica. A encíclica menciona, sim, o comunismo, mas não há sequer uma menção direta a Marx e nem ao pensamento marxista. Fala-se do programa de organização política e social, e não de um corpo de pensamento mais amplo como o marxista, mas está mais que evidente que não como entender um (o sistema político) sem o outro (sua fundamentação filosófica).

Bento XVI se refere duas vezes ao comunismo. Na primeira delas, fala da queda dos sistemas político-econômicos dos países comunistas em 1989, quando João Paulo II pedia uma revisão global do desenvolvimento (*Caritas in veritate* 23). A segunda menção é indireta, na qual trata das convicções que levaram aos sistemas opressores que visa a criticar:

Primeiro, a convicção de ser autossuficiente e de conseguir eliminar o mal presente na história apenas com a própria ação induziu o homem a identificar a felicidade e a salvação com formas imanentes de bem-estar material e de ação social. Depois, a convicção da exigência de autonomia para a economia, que não deve aceitar “influências” de caráter moral, impeliu o homem a abusar dos instrumentos econômicos até mesmo de forma destrutiva. Com o passar do tempo, estas convicções levaram a sistemas econômicos, sociais e políticos que espezinharam a liberdade da pessoa e dos corpos sociais e, por isso mesmo, não foram capazes de assegurar a justiça que prometiam. Deste modo, como afirmei na encíclica *Spe salvi, elimina-se da história a esperança cristã*, a qual, ao invés, constitui um poderoso recurso social ao serviço do desenvolvimento humano integral, procurado na liberdade e na justiça (BENTO XVI, 2009, p. 39-40, grifo do autor).

Bento XVI coloca suas reflexões na linha da *Spe salvi*: retoma o tema do mal e da pretensão de eliminá-lo definitivamente do mundo; a ideia de que essas promessas de felicidades e salvação imanentes levam à eliminação da esperança cristã. Por isso, a leitura que Bento XVI oferece sobre esses sistemas político-econômicos é mais uma vez a contraposição de duas ofertas de salvação. De duas escatologias, portanto. Por isso, Bento XVI (2009, p. 20) refere-se aos

“[...] messianismos fascinantes, mas construtores de ilusões” (*Caritas in veritate* 17). A frase é tomada da *Centesimus Annus* de João Paulo II. Nessa encíclica, o papa polonês desenvolve o tema da liberdade e suas consequências, partindo da noção de pecado original:

Além disso, o homem, criado para a liberdade, leva em si a ferida do pecado original, que continuamente o atrai para o mal e o torna necessitado de redenção. Esta doutrina é não só *parte integrante da Revelação cristã*, mas tem também um grande valor hermenêutico, enquanto ajuda a compreender a realidade humana. O homem tende para o bem, mas é igualmente capaz do mal; pode transcender o seu interesse imediato, e, contudo, permanecer ligado a ele. A ordem social será tanto mais sólida, quanto mais tiver em conta este fato e não contrapuser o interesse pessoal ao da sociedade no seu todo, mas procurar modos para a sua coordenação frutuosa. [...] Quando os homens julgam possuir o segredo de uma organização social perfeita que torne o mal impossível, consideram também poder usar todos os meios, inclusive a violência e a mentira, para a realizar. *A política torna-se então uma “religião secular”, que se ilude de poder construir o Paraíso neste mundo.* Mas qualquer sociedade política, que possui a sua própria autonomia e as suas próprias leis, nunca poderá ser confundida com o Reino de Deus (João Paulo II, 1991, grifo do autor).

Aqui, o papa polonês não hesita em chamar a política de “religião secular”. Os messianismos de que falam os dois papas referem-se, particularmente ao comunismo. Bento XVI adverte justamente sobre esses propositores da salvação pela via da política, começando a operar um deslocamento. Quando ele trata do comunismo não está falando apenas de economia e de política. Está falando de *religião*, de *crença*, de *fé*. A discussão não é mais técnica ou meramente política (sobre os meios mais eficazes e mais racionais da busca de bem-estar social).

Conclusão

Agora, podemos nos deter nos aspectos mais gerais da reflexão de Ratzinger. Ao leitor, ficou claro que, do ponto de vista ratzingeriano-benedictino, há um “impossível ecumenismo cristão-marxista”. O marxismo, desvencilhando-se dos conteúdos centrais da fé cristã, mas imanentizando seu esquema escatológico (paraíso, queda, juízo final, povo eleito etc.), orna-se um perigo para o cristianismo.

Os problemas gerados pela TdL são exemplares. Ela não representou uma simples apropriação do marxismo pela teologia, como uma mera ferramenta analítica. O perigo para a fé cristã está na no marxismo *em si mesmo*.

Quando o marxismo ingressa no pensar teológico, ele termina por corroer por dentro o cerne dessa fé, que se baseia antes de tudo em uma escatologia (em uma esperança de salvação) que se inicia na história, mas que aponta na direção trans-histórica e que não é realizada pelo agente humano e, menos ainda, por qualquer coletividade, mas, sempre e unicamente, por iniciativa divina. Por isso, Ratzinger mostra que aderir ao marxismo é, nitidamente, a confissão de outra fé, de outra esperança (em termos ratzingerianos a fé é esperança), que desembocará inevitavelmente em ateísmo. E dos mais militantes. Na verdade, para Ratzinger, adotar o marxismo é adotar uma visão de mundo religiosa, *necessariamente* excludente se colocada ao lado da visão de mundo do cristianismo. Pois o núcleo do marxismo, se aceito, se assimilado, principalmente por uma teologia, levará inevitavelmente a uma exclusão do núcleo do cristianismo. O marxismo não pode ser simplesmente, segundo Bento XVI, uma ferramenta teórica para análise social. Para usar termos fortes, o que começaria com uma aparente simbiose termina em parasitismo. Cristianismo e marxismo são dois messianismos que se enfrentam: de um lado está Cristo, de outro o proletariado. Duas metas diferentes: a Nova Jerusalém transcendente e a imanente. Há a visão de um homem que pesa sobre ele a culpa e o pecado, por isso, sempre aberto para o mal, em contraposição está o homem que, liberto da exploração, viverá novamente em estado paradisíaco, o comunista. Para nos apropriarmos das palavras de Aron (1980), Bento XVI não esconde dos cristãos essa *incompatibilidade*. É por isso que a Bento XVI não lhe faz falta o marxismo:

Eu continuo na Igreja, porque só a fé da Igreja salva os homens. [...] A ânsia de salvação despertou de novo impetuosamente no nosso mundo de pressões e frustrações. Os esforços de Freud e de C.G. Jung não são mais que tentativas de salvar a quem está perdido. Marcuse, Adorno, Habermas continuam a seu modo e desde outras perspectivas a procurar e a anunciar a salvação. Por detrás está Marx, e também a sua questão é a salvação (RATZINGER, 2007a, p. 201).

Mas aí está a sutileza da argumentação de Bento XVI. Ele não faz uma discussão estritamente político-econômica. Ele não está confrontando comunismo e capitalismo, mas cristianismo e marxismo. Não são dois sistemas entre os quais escolher, mas duas crenças que portam consigo a pretensão de explicar globalmente o sentido da história, o destino do homem, os modos de alcançar a felicidade.

Enfim, Bento XVI realiza a seguinte operação: em primeiro lugar, ele usa de argumentos filosóficos para jogar o debate para o terreno teológico. Ele não está recorrendo à Bíblia ou aos textos patrísticos. Ou seja, seu argumento não parte da Revelação (nem da Escritura, nem na Tradição Apostólica e, menos ainda, em um Magistério Eclesiástico precedente), não parte da fé. Ele busca na filosofia, ou em outros termos, na racionalidade, a chave para descortinar o estatuto religioso do marxismo, o seu significado religioso. Tudo para jogá-lo no terreno da *religião*¹⁰. É nesse terreno que Bento XVI tenta fazer valer a sua esperança.

¹⁰ Michael Löwy (2007) procurou analisar as relações entre religião e marxismo em um balanço no qual pergunta se, realmente, para o marxismo a religião é ópio do povo. Sobre as diversas concepções de religião nos escritos de Marx e Engels e seus desdobramentos na multiplicidade de abordagens de teóricos marxistas se pode perceber claramente que uma grande parcela destes identifica ideais religiosos com ideais marxistas. *Karl Kautsky* vê as diversas correntes religiosas como precursoras do socialismo moderno e suas versões apocalípticas (medievais, particularmente) seriam formas de desespero por terem seus ideais comunistas frustrados. *Lenin* achava que o ateísmo não devia estar incluído no programa do Partido Comunista, porque era necessária a unidade em torno da crença no paraíso, mesmo que terrestre. *Rosa Luxemburgo*, além de dizer que os socialistas modernos são mais fiéis ao cristianismo primitivo que o clero conservador hodierno, afirmou que o movimento socialista aproxima as pessoas do evangelho, fazendo-as lutar pelo Reino de liberdade e amor. *Ernst Bloch* é um autor ainda mais expressivo, pois assume a escatologia que persiste em estar por trás do marxismo, tanto que é extremamente ilustrativo o título do seu livro em que trata do assunto: *O princípio da esperança*. “Através de sua capacidade de antecipação criativa, a escatologia judaico-cristã – universo religioso favorito de Bloch – contribui a dar forma ao espaço imaginário do ainda não existente...”. (LÖWY, 2007, p. 13). As ideias de Ernst Bloch eram, em certa medida, compartilhadas pelos membros da Escola de Frankfurt, como *Max Horkheimer*, *Erich Fromm*. E *Walter Benjamin*, que “[...] tratou de combinar em uma original síntese, teologia e marxismo, messianismo judeu e materialismo histórico, luta de classes e redenção” (LÖWY, 2007, p. 13). *Lucien Goldman* vai além. Tenta comparar a “crença religiosa” e a “crença marxista”. Ambas estão baseadas em uma aposta (em uma esperança, portanto): seja na existência de Deus para a primeira ou a libertação da humanidade por si mesma para a segunda.

REFERÊNCIAS

- ARON, R. **O ópio dos intelectuais**. Brasília: Editora da UnB, 1980.
- BENTO XVI. **Carta Encíclica *Deus caritas est***. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BENTO XVI. **Carta Encíclica *Spe Salvi***. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BENTO XVI. **Carta Encíclica *Caritas in veritate***. São Paulo: Loyola/Paulus, 2009.
- BOFF, L. A falta que faz ao papa um pouco de marxismo. **Agencia Latinoamericana de Información**, 17 jul. 2009. Disponível em: <http://alainet.org/active/31850&lang=es>. Acesso em 03 jun. 2012;
- COTTIER, G. **Esperanzas enfrentadas: cristianismo e marxismo**. Bogotá: Cedral, 1975.
- COTTIER, G. Um desafio para a consciência. **L'Osservatore Romano**: Cidade do Vaticano, 2007, n. 49, p. 17, 08.12.07.
- JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Centesimus Annus***. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jpii_enc_01_051991_centesimus-annus_po.html. Acesso em: 26.01.12.
- LIBÂNIO, J. B. **Em busca da lucidez: o fiel da balança**. São Paulo, Loyola, 2002.
- LEVINE, N. Humanism without Eschatology. **Journal of the History of Ideas**. Philadelphia, vol. 33, n. 2, pp. 281-298, 1972.
- LÖWITH, K. **O sentido da história**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- LÖWY, M. Marxismo e religião: ópio do povo? In: BORON, A. A.; AMADEO, J; GONZALEZ, S, **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. Sabrina, 2007.
- JOÃO PAULO II. **El hombre en el centro de la historia** : balance filosófico del siglo XX. Barcelona: Herder, 1998.
- MIRES, F. **Cristianismo y marxismo según Joseph Ratzinger**. 13.03.07. Disponível em: <http://www.analitica.com/va/sociedad/articulos/6455169.asp>. Acesso em: 31.01.12.
- MONOD, J.-C. **La querelle de la sécularisation de Hegel à Blumenberg**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2002.
- MÜLLER, G. L. Esamine ogni cosa tenete ciò che è buono. **L'Osservatore Romano**: Cidade do Vaticano, 2011, n. 295, p. 7, 23.12.07.
- RATZINGER, J. **Einführung in das Christentum**. München: Kösel-Verlag, 1968.

RATZINGER, J. **Introdução ao Cristianismo**: Preleções sobre o Símbolo Apostólico. São Paulo: Herder, 1970.

RATZINGER, J. **Introduction to Christianity**. 2. ed. San Francisco: Ignatius Press, 2004.

RATZINGER, J. **Introducción al Cristianismo**. Salamanca: Sígueme, 2001.

RATZINGER, J. **Introdução ao Cristianismo**: Preleções sobre o Símbolo Apostólico. Com um novo ensaio introdutório .2. ed. São Paulo: Loyola, 2006a.

RATZINGER, J. **Lembranças da minha vida**: autobiografia parcial (1927-1977). São Paulo: Paulinas, 2006b.

RATZINGER, J. **Credo para hoje**: em que acreditam os cristãos. Braga: Editorial Franciscana, 2007a.

RATZINGER, J. **Dogma e anúncio**. São Paulo: Loyola, 2007b.

RATZINGER, J; MESSORI, V. **A fé em crise?** O Cardeal Ratzinger se interroga. São Paulo: EPU, 1984.

VANHOYE, A. A marca do teólogo e pastor. **L'Osservatore Romano**: Cidade do Vaticano, 2007, n. 49, p. 16, 08.12.07.

VOEGELIN, E. **A nova ciência da política**. Brasília: Editora da UnB, 1982.